

RELATO DE PESQUISA

Uma história de enunciações sobre a instauração da criança na língua materna

Carmem Luci da Costa SILVA 

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

RESUMO

Este artigo apresenta a trajetória de pesquisa de Silva, a partir da sua tese inaugural (2007), que relaciona a Teoria da Linguagem de Émile Benveniste (1995, 1989) e o campo de Aquisição da Linguagem, para produzir uma explicação sobre a instauração da criança na língua materna. O objetivo deste artigo é o de relatar tal história de estudos. Essa história é sintetizada em três momentos: 1) o da reflexão fundadora de uma discussão sobre aquisição como instauração da criança na língua materna; 2) o da reflexão a propósito dos efeitos de problematizações sobre a “voz” na discussão sobre essa instauração e 3) o da reflexão sobre o papel da “escuta” nesse ato de instauração. Em cada um desses três momentos, são apresentados exteriores teóricos que provocam (ré)leituras das obras benvenistianas e promovem reflexões voltadas à explicação da constituição da criança como falante.

ABSTRACT

This article presents the research trajectory of Silva, starting with her inaugural thesis (2007), which associates the Theory of Language developed by Émile Benveniste (1995, 1989) with the field of Language Acquisition, to advance an explanation of the child's introduction into their native language. This article aims to trace this history of studies. This history is summarized in three moments: 1) that of the founding reflection of a discussion on acquisition as a child's introduction into their native language; 2) that of the reflection on the effects of problematization on the “voice” in the discussion about this introduction; and 3) that of the reflection on the



OPEN ACCESS

EDITADO POR

- Marianne Cavalcante (UFPB)
- Alessandra Del Ré (UNESP)
- Christelle Dodane (U PARIS 3)

AVALIADO POR

- Marilene Gomes de Sousa Lima (UFPB)
- José Temístocles Ferreira Júnior (UFRPE)
- Evangelina Maria Brito de Faria (UFPB)

DATAS

- Recebido: 30/10/2023
- Aceito: 12/03/2024
- Publicado: 09/09/2024

COMO CITAR

Silva, C. L. C. (2024). Uma história de enunciações sobre a instauração da criança na língua materna. *Revista da Abralín*, v. 23, n. 2, p. 624-644, 2024.

role of “listening” in this introduction. Each of these three moments features theoreticians that lead to (re)readings of Benveniste’s works and encourage reflections aimed at explaining the constitution of the child as a speaker.

PALAVRAS-CHAVE

Enunciação. Aquisição de língua materna. Émile Benveniste.

KEYWORDS

Enunciation. Native language acquisition. Émile Benveniste.

RESUMO PARA NÃO ESPECIALISTAS

Este texto apresenta uma trajetória de pesquisas que buscam aproximar o campo da Aquisição da Linguagem à Teoria da Linguagem de Émile Benveniste. Essa teoria é conhecida por enfatizar as relações entre os seres humanos por meio da linguagem situada na sociedade e na cultura. São apresentados três momentos da referida trajetória de pesquisas: 1) um primeiro momento, em que, a partir da teoria em questão, foi produzida uma explicação para o processo de constituição da criança como falante; 2) um segundo momento, em que se buscou aprofundar a explicação inicial focalizando-se o papel da “voz” nesse processo; 3) um terceiro momento, em que se procurou aprofundar a explicação inicial focalizando-se o papel da “escuta” nesse processo.

Introdução

O fenômeno *aquisição da linguagem* tem sido investigado a partir de muitos pontos de vista. Esse hibridismo no campo, além de promover um instigante debate, tem trazido contribuições para uma melhor compreensão dos fatos envolvidos no processo de constituição da criança como falante de sua língua materna.

Com a concepção de que os saberes são complementares, a aquisição da linguagem será aqui tematizada à luz da Teoria da Linguagem de Émile Benveniste. A reflexão que desenvolvo é tributária das leituras e das releituras das obras do referido linguista intituladas “Problemas de Linguística Geral I” (PLG I) e “Problemas de Linguística Geral II” (PLG II).

Este trabalho, ao relacionar a Teoria da Linguagem de Émile Benveniste e o campo da Aquisição da Linguagem, tem como tema a apresentação de uma história¹ de estudos sobre a aquisição de língua materna a partir do pensamento benvenistiano². Trata-se de uma história que vem sendo produzida, no cenário científico brasileiro, desde a minha tese de doutoramento (SILVA, 2007) e de sua publicação em livro (SILVA, 2009), textos nos quais formulo uma explicação para o que nomeio como “instauração da criança em sua língua materna”. Iniciada em 2007/2009, essa história continuou em pesquisas posteriores, publicadas em artigos e em capítulos de livros, podendo ser sintetizada em três momentos: 1) o da reflexão fundadora de uma discussão sobre aquisição como instauração da criança na língua materna a partir da teorização benvenistiana; 2) o da reflexão a propósito da “voz” no ato de instauração da criança na língua materna e 3) o da reflexão sobre a “escuta” nesse ato de instauração. Em cada um desses três momentos, são apresentados exteriores teóricos que provocam (re)leituras das obras de Émile Benveniste (1995, 1989) e promovem reflexões voltadas à explicação da constituição da criança como falante. Nesses estudos, as explicações sobre a instauração da criança na língua materna são sustentadas via análises de fatos enunciativos de crianças, conforme publicações referidas neste artigo.

A noção benvenistiana de *linguagem*, caracterizada por um funcionamento simbólico e por uma natureza articulada que possibilitam a significação das línguas, encaminhou-me, em Silva (2007, 2009 e posteriores), a argumentar que nascemos na linguagem, mas nos instauramos em uma dada língua, considerada materna. É por estar no simbólico da linguagem que a criança se instaura em uma língua, cujo poder de significação está atrelado à propriedade simbólica da linguagem. O fato de que a língua significa (no sistema e no discurso) permite aos humanos significarem quando enunciam. A instauração, nesse caso, envolve um duplo aspecto: 1) a criança é afetada pelo sistema da língua atualizado nas relações enunciativas com o outro; 2) a criança produz formas e sentidos atualizando o sistema em discurso nas relações enunciativas com o outro.

Em outros termos, a criança e o outro estabelecem relações intersubjetivas e referenciais nas enunciações, instância na qual o sistema comparece nos discursos, resultantes de atos enunciativos. Assim, concebo “aquisição” como “instauração” também devido ao fato de a criança se instaurar na língua materna por estar mergulhada em enunciações faladas com outros, sendo afetada pela língua presente nessas enunciações, ao mesmo tempo que põe a língua em funcionamento nas suas realizações vocais.

Neste artigo, o objetivo é o de apresentar uma história de enunciações sobre a instauração da criança na língua materna a partir da teorização de Émile Benveniste sobre a linguagem.

Com o propósito de cumprir o objetivo definido, organizo o presente artigo em três seções, além desta introdução e da conclusão: na primeira, apresento uma síntese de minha reflexão inicial sobre

¹ O termo “história de enunciações” tem, no presente artigo, uma dupla acepção: 1) uma acepção metateórica (a de história de enunciações da autora sobre a instauração da criança em sua língua materna); 2) uma acepção teórica (a de história de enunciações da criança em sua trajetória de constituição como falante).

² Os estudos que realizo apresentam análises de fatos enunciativos de crianças sem indícios de quadros de alteração (orgânica, cognitiva ou psíquica) que repercutam na linguagem.

a instauração da criança na língua materna; já na segunda, trato do lugar da voz nessa instauração; por fim, na terceira, abordo o lugar da escuta também nessa instauração.

1. A instauração da criança na língua materna

A explicação que desenvolvo acerca da instauração da criança em sua língua materna envolve refletir sobre os efeitos que a leitura dos textos de Benveniste (1989, 1995) provocou e segue provocando na produção de um saber a respeito dessa instauração. Afinal, é importante o pesquisador indagar-se a propósito de seu fazer – neste caso, um fazer ligado à assunção do ponto de vista benvenistiano e da aquisição como fenômeno a ser explicado à luz desse ponto de vista.

No capítulo que abre o livro “Problemas de Linguística Geral I”, intitulado “Tendências recentes em linguística geral”, Benveniste (1995) pontua os princípios da Linguística daquele momento, formulando três questões:

1ª) Qual é a tarefa do linguista, a que ponto quer ele chegar, e o que descreverá sob o nome de língua? [...] 2ª) Como se descreverá esse objeto? [...] Qual será então o princípio desses processos e dessas definições? [...] 3ª) Tanto para o sentimento ingênuo do falante como para o linguista, a linguagem tem como função “dizer alguma coisa”. O que é exatamente essa “coisa” em vista da qual se articula a língua, e como é possível delimitá-la em relação à própria linguagem? Está proposto o problema da significação. (BENVENISTE, 1995, p. 8).

Inspirada por essa problematização de Benveniste acerca das tarefas do linguista, desloco as três questões para refletir sobre o fazer do pesquisador do campo da Aquisição da Linguagem que assume um ponto de vista enunciativo: 1ª) Qual é a tarefa do pesquisador de aquisição da linguagem que segue o ponto de vista benvenistiano e o que descreverá sob o nome “aquisição da linguagem”?; 2ª) Como descreverá o seu objeto de estudo, no meu caso, o processo de aquisição da língua materna?; 3ª) Tanto para a criança como para o pesquisador enunciativo de aquisição da linguagem, a linguagem tem como função “dizer alguma coisa”. O que é essa “coisa” em vista da qual a criança articula a língua e como é possível delimitá-la em relação à própria linguagem?

Uma vez concebida a aquisição como “instauração”, algumas consequências advêm dessa concepção. Começo a pontuar essas consequências respondendo aos questionamentos que, no parágrafo anterior, formulei a partir de deslocamentos das questões que Benveniste se fazia e propunha a seus leitores.

1º) Qual é a tarefa do pesquisador de aquisição da linguagem que segue o ponto de vista benvenistiano e o que descreverá sob o nome “aquisição da linguagem”? A reflexão enunciativa apresentada por Benveniste (1989) fundamenta-se em duas grandes noções, a de intersubjetividade (a relação locutor-alocutário) e a de referência (a necessidade de *falar de*). Os funcionamentos intersubjetivo e referencial da enunciação se realizam por um aparelho de formas e funções, que permite ao locutor implantar o outro e estabelecer, por meio da língua em emprego, “certa relação com o mundo” (BENVENISTE, 1989, p. 84). Nesse caso, um pesquisador enunciativo de aquisição tem como

tarefa explicar os movimentos da criança nesses dois funcionamentos, por meio de operações gerais e operações específicas.

Trata-se de buscar explicar as mudanças gerais relacionadas aos movimentos singulares na relação da criança com a língua e com o outro na história de enunciações dessa criança. Dessa maneira, distancio-me, por um lado, de metodologias centradas em amostras de dados quantitativas (grande número de crianças) e transversais (crianças diferentes) e, por outro lado, da busca por uma explicação do processo aquisicional via estágios de desenvolvimento, visto uma concepção desenvolvimentista se sustentar na generalização dos resultados.

De fato, para que se diga que a criança está em determinado estágio, torna-se necessário levar em conta a recorrência de formas, de funções e de mecanismos da língua, assim como a presença de tais formas, funções e mecanismos em outras crianças de faixa etária semelhante. Ora, em uma concepção enunciativa de aquisição, busca-se justamente mostrar a relação entre as regularidades do sistema e a singularidade da enunciação na história de cada criança na linguagem. Por isso, a metodologia de coleta longitudinal, em que uma criança é acompanhada durante certo período de tempo, é a que torna possível registrar e explicar a história de suas enunciações e as mudanças que se operam na sua relação com a língua e com o(s) outro(s) de suas interlocuções.

A segunda questão centra-se na descrição e na explicação do objeto de estudo do pesquisador enunciativo de aquisição da linguagem: 2ª) Como descreverá e explicará enunciativamente o seu objeto de estudo, no caso das pesquisas que desenvolvo, o processo de aquisição da língua materna? O argumento de Benveniste de que o emprego da língua é “um mecanismo total e constante que, de uma maneira ou outra, afeta a língua inteira” (BENVENISTE, 1989, p. 82) leva-me a conceber que, na descrição dos fatos enunciativos da criança, torna-se relevante o analista “olhar” para o mecanismo total e constante em jogo na língua em emprego, ou seja, em jogo na enunciação.

Nessa linha, Flores (2009) defende a enunciação não como um nível de análise da língua, mas como transversal aos níveis e às unidades em jogo na língua em emprego. Isso porque o discurso, enquanto atualização do sistema linguístico, segundo Flores (2009), é atravessado pela enunciação. No ato de instauração da criança em sua língua materna, considero o movimento de atribuição de referência na enunciação como inseparável da intersubjetividade: enunciar é sempre coenunciar; referir é sempre correferir. Nesse movimento de referência-correferência, a língua instancia-se na enunciação, via comunicação intersubjetiva criança-outro, com todos os seus níveis e unidades.

A terceira questão remete à significação. 3ª) Tanto para a criança como para o pesquisador enunciativo de aquisição da linguagem, a linguagem tem como função “dizer alguma coisa”. O que é essa “coisa” em vista da qual a criança articula a língua e como é possível delimitá-la em relação à própria linguagem? Em busca de respostas a essa questão, destaco duas passagens de “A forma e o sentido na linguagem” (BENVENISTE, 1989), que acredito conterem os princípios da reflexão enunciativa benvenistiana: a) “Antes de qualquer coisa, a linguagem significa, tal é o seu caráter primordial, sua vocação original que transcende e explica todas as funções que ela assegura no meio humano” (BENVENISTE, 1989, p. 222); b) “A noção de semântica nos introduz no domínio da língua em

emprego e em ação; vemos desta vez na língua sua função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo” (BENVENISTE, 1995, p. 229).

Essas passagens condensam questões transversais às obras do mestre enunciativo: o princípio da significação (a linguagem significa), o princípio da intersubjetividade (as relações humanas instanciam-se por meio da língua em emprego) e o princípio da referência (as relações homem/mundo igualmente se instanciam por meio da língua em emprego). Para que a criança possa se constituir como locutor, precisa preencher um lugar na enunciação, preenchimento cuja condição é ela ser significada pelo outro. Assim, embora as formas vocalizadas pela criança sejam consideradas distantes das previstas pelo sistema da língua, ao reconhecer que seu discurso (produto de sua enunciação) é tomado como portador de sentido pelo outro da alocação, a criança vai assumindo seu lugar de locutor na inversibilidade enunciativa de pessoas do discurso (*eu-tu*). A “costura” entre forma e sentido via enunciação possibilita à criança instaurar-se no sistema relacional de sua língua materna. Por isso, antes de considerar a língua, torna-se importante o pesquisador enunciativo considerar que a criança está imersa na linguagem e que, “antes de qualquer coisa, a linguagem significa” (BENVENISTE, 1989, p. 222). Nessa imersão, a língua comparece nas enunciações e possibilita a instauração da criança nos seus dois domínios (sistêmico e discursivo).

A partir dessas pontuações fundamentais sobre teoria, metodologia e análise desde um ponto de vista aquisicional afetado por um ponto de vista enunciativo benvenistiano, busquei produzir um dispositivo teórico para explicar a instauração da criança em sua língua materna.

Essa explicação é por mim produzida em Silva (2007, 2009) via caracterização de três macro-operações: a *operação de preenchimento de lugar enunciativo*, a *operação de referência* e a *operação de inscrição enunciativa na língua-discurso*. A reflexão sobre as mudanças da relação da criança com a língua, com o outro e com o mundo em cada uma dessas três macro-operações é realizada por meio do dispositivo enunciativo (*eu-tu/ele*)-*ELE*, um operador teórico que comporta as relações de pessoa (*eu-tu*), a referência (*ele*) e a cultura (*ELE*). Esse elemento cultural é transversal ao dispositivo, uma vez que os valores da cultura de uma sociedade estão impregnados nos domínios sistêmico e discursivo da língua, domínios presentes nas enunciações da criança e do outro.

A construção desse dispositivo enunciativo envolveu, de um lado, verificar, nas obras de Benveniste (1995, 1989), o lugar concedido à criança na reflexão do linguista e, de outro lado, problematizar a nossa condição trinitária de falantes na língua a partir do filósofo Dufour (2000) em sua leitura das obras benvenistianas.

Apresento, aqui, duas passagens dessas obras, uma dos PLG I e outra dos PLG II: 1) “Língua e sociedade são *dadas*. Mas também uma e outra são *aprendidas* pelos ser humano, que não lhes possui um conhecimento inato. A criança nasce e desenvolve-se na sociedade dos homens” (BENVENISTE, 1995, p. 31, grifos do autor); 2) “E se digo que o homem não nasce na natureza, mas na cultura, é que toda criança em todas as épocas, na pré-história a mais recuada como hoje, aprende necessariamente com a língua os rudimentos de uma cultura” (BENVENISTE, 1989, p. 23).

Assim, foi necessário incluir uma reflexão sobre a cultura na abordagem da instauração da criança em sua língua materna, na medida em que, além de estar em constante relação com o outro

(intersubjetividade) para *falar de* (referência) por meios linguísticos (formas e funções enunciativas), a criança também está mergulhada na cultura de uma sociedade, cultura que, para Benveniste (1989), contém valores impressos no sistema linguístico.

Como dito, o diálogo com o Benveniste enunciativo envolveu, nesse primeiro momento de minha pesquisa (SILVA, 2007, 2009), um movimento de releitura das obras do linguista a partir de um exterior teórico: o filósofo Dany-Robert Dufour, em sua obra “Os mistérios da trindade”. Segundo o filósofo, “a trindade está inscrita em nossa condição de ser falante” (DUFOUR, 2000, p. 17), pois, “como sujeitos falantes, somos sujeitos do trinitário”. (DUFOUR, 2000, p. 16). É em Benveniste que Dufour embasa a sua reflexão de que a língua natural tem um “singular dispositivo intralinguístico” que possibilita que “*eu e tu falem d’ele*”. Essa trindade, para o autor, é composta pelas relações diádicas de conjunção (*eu-tu*) e de disjunção (*eu/tu*), além de pela relação trinitária *eu-tu-ele*.

A leitura de Dufour (2000) inspirou-me a criar o dispositivo enunciativo (*eu-tu/ele*)-ELE e a desmembrá-lo em relações trinitária (*eu-tu/ele*) e diádicas (*eu-tu* e *eu/tu*) para explicar a instauração da criança em sua língua materna. Esse desmembramento implicou a análise de micro-operações enunciativas representativas de cada uma das três macro-operações mencionadas anteriormente: a *operação de preenchimento de lugar enunciativo*, a *operação de referência* e a *operação de inscrição enunciativa na língua-discurso*.

Em cada uma das operações, dou relevo, metodologicamente, a elementos distintos do dispositivo: na primeira operação, está em jogo a relação entre as pessoas do discurso (*eu e tu*); na segunda operação, destaca-se a relação das pessoas do discurso (*eu e tu*) com a referência (*ele*); na terceira operação, salienta-se a marcação das coordenadas de pessoa, tempo e espaço como possibilidade de a criança situar-se no discurso *sui-referencialmente* e valer-se de dupla enunciação (discursos retomados, projetados e simulados). A todas essas macro-operações, a cultura (ELE) é transversal, pois os valores culturais estão impregnados na língua que comparece nas relações enunciativas criança-outro.

Na primeira operação, há duas relações implicadas na intersubjetividade enunciativa do ato de aquisição: a *conjunção eu-tu* e a *disjunção eu/tu*. Nessa operação, a criança passa de convocada pelo outro – aspecto da conjunção criança-outro (*eu-tu*) – a convocar o outro – aspecto da disjunção criança/outro (*eu/tu*). Como defendo em Silva (2007, 2009), essa operação é condição necessária das demais.

A mudança, no ato de instauração da criança na língua materna nessa primeira macro-operação, comporta uma lógica com a seguinte formulação:

[...] o *eu* do processo de aquisição da linguagem é alvo de X, dizer proveniente do outro, em que X é simultaneamente: a) constituído por elementos sintagmatizados segundo as combinatórias linguísticas do nível linguístico semiótico e b) um enunciado “adaptado”, ao nível semântico, a uma certa suposição do alocutário (adulto) acerca da manifestação de seu locutor (criança). (SILVA, 2009, p.232).

Nessa primeira macro-operação, destaquei, em Silva (2007, 2009), que uma teoria enunciativa que trata da instauração da criança em sua língua materna tem, como primeiro ponto a observar, o complexo mecanismo de conjunção/disjunção entre *eu* e *tu*, em que as figuras enunciativas inversíveis da alocação têm como característica maior estruturarem-se a partir das operações de

antecipação de um lugar para a criança na estrutura da enunciação. Nesse caso, torna-se importante a descrição de micro-operações enunciativas pelas quais a criança responde à antecipação que lhe é feita de um lugar na estrutura da enunciação e como realiza movimentos enunciativos na passagem de convocada pelo outro à convocação do outro.

Juntamente com a operação de preenchimento de lugar enunciativo, está a operação de referência. Além das relações de conjunção (*eu-tu*) e de disjunção (*eu/tu*), analisadas na primeira macro-operação, em Silva (2007, 2009), analisei, na segunda macro-operação, a passagem de uma referência mostrada (ancorada na situação imediata de enunciação) a uma referência discursiva (ancorada na realidade de discurso). A mudança, no ato de instauração da criança na língua materna nessa segunda macro-operação, comporta uma lógica com a seguinte formulação:

[...] a criança enuncia X, em que X é: a) remetido à situação de enunciação, responsável pela atribuição de referência; b) formado por unidades que estão em relação entre si; c) constituído por operações de constituição/integração dessas unidades e d) constituído por ajustes de *sentido* e de *forma* das referências produzidas na enunciação constituída por *eu* e por *tu*. (SILVA, 2009, p. 245).

Ao operar essa mudança de estatuto referencial, a criança realiza diferentes micro-operações, com movimentos que atestam, nas enunciações faladas, o seu reconhecimento de questões cruciais da organização de sua língua materna nos domínios sistêmico e discursivo: a *arbitrariedade do signo*, a *relação forma-sentido* e a *integração de unidades no discurso (sintagmatização) na produção de sentidos (semantização) para o outro*.

Na terceira operação, realiza-se a inscrição enunciativa da criança na língua-discurso e o uso de procedimentos pela criança relacionados à complexidade do dispositivo (*eu-tu/ele*)-ELE. Nessa operação, ocorre a passagem de um uso discursivo de marcação de coordenadas de pessoa, tempo e espaço para uma realidade de discurso em que a enunciação se instancia duplamente (casos da retomada de enunciações, da simulação de enunciações e da projeção de enunciações).

A presença do índice de pessoa *eu* no discurso da criança e a organização do eixo temporal – retrospectivo e prospectivo em relação ao presente enunciativo – possibilitam a estabilidade *sui*-referencial do locutor (*eu*) e referencial do discurso (*ele*). Tal marcação intradiscursiva de pessoa, espaço e tempo provoca, na criança, a criação de realidades no discurso, seja pela retrospectão, seja pela simulação, seja pela projeção de acontecimentos na enunciação. Essa terceira macro-operação compreende duas lógicas (uma discursiva e outra de dupla enunciação), que apresentam as seguintes formulações:

A lógica discursiva desse mecanismo pode ser esquematizada da seguinte maneira:

- a criança enuncia X, evidenciando: a) a marca do sujeito da enunciação no discurso, através do diálogo que estrutura a enunciação pelo aparelho de funções sintáticas (asserção, intimação e interrogação); b) a marca do sujeito da enunciação no discurso por meio de recursos do aparelho formal da enunciação (categoria de pessoa) e c) a referência do sujeito da enunciação por meio da nominalização.

A lógica de dupla enunciação pode ser esquematizada do seguinte modo:

- a criança enuncia X a partir de Y (ação ou dizer retomado, projetado ou simulado), em que X contém: a) ação anterior (Y) de eu e sua posição na enunciação presente; b) a posição de eu sobre enunciação anterior (Y); c) a projeção de enunciação futura de eu para determinado tu (X mostra a projeção de Y) e d) simulação de dizer do eu para o tu, em que a enunciação torna-se espaço para o eu criar outras enunciações para o tu. (SILVA, p. 265-266).

Em Silva (2007, 2009), verifico que as micro-operações presentes nessa terceira macro-operação comportam movimentos importantes da criança no discurso por meio de marcações (inter)subjetivas, quais sejam: a) o uso de funções sintáticas e formas que a colocam, enquanto sujeito no discurso, em relação constante com o alocutário; b) a atualização de formas específicas de pessoa, tempo e espaço que a colocam em uma relação constante e necessária com sua enunciação, seja retomando enunciações passadas, seja simulando enunciações, seja projetando enunciações futuras; c) a instanciação do discurso como um modo de ação que evidencia um *fazer-com* da criança com a língua por meio da exploração do funcionamento intersubjetivo (diferentes retomadas, simulações e projeções enunciativas que contêm as relações *eu-tu*) e do funcionamento referencial do discurso (diferentes modos de referir discursivamente).

A partir dessas macro-operações, defendo, em Silva (2007, 2009), que a criança produz uma história de enunciações, por meio da qual se instaura no sistema linguístico-cultural da sociedade onde vive. É a condição de intersubjetividade o que possibilita à criança produzir essa história de enunciações e, conseqüentemente, instaurar-se em sua língua materna.

Esta seção apresentou a síntese de uma história de enunciações relacionada ao dispositivo enunciativo (*eu-tu/ele*)-ELE, explicativo da instauração da criança em sua língua materna e das mudanças ocorridas em cada uma das macro-operações contidas no dispositivo. Na seqüência, apresento outro momento dessa história: trata-se de uma reflexão a propósito dos efeitos de problematizações sobre a “voz” na discussão sobre a instauração da criança na língua materna.

2. O lugar da voz na instauração da criança na língua materna

No segundo momento da trajetória aqui reconstituída, outros leitores de Benveniste levaram-me a aprofundar a reflexão sobre o aspecto vocal da enunciação no ato de instauração da criança em sua língua materna. Trata-se de Agamben (2005) e de Dessons (2006), estudiosos com os quais passei a dialogar em discussões sobre a cultura (ELE) na referida instauração.

Como os valores culturais estão impressos na língua e como enunciar é converter o sistema linguístico em discurso (BENVENISTE, 1989), o ponto de vista defendido, neste momento, é o de que a criança se instaura no mundo humano em um enlace simbólico como chave de integração necessária entre língua (sistema e discurso) e cultura na enunciação com o outro. É a instância de discurso constituindo o ato e,

concomitantemente, fundamentando o locutor em seu movimento singular de apreensão conjunta do sistema da língua presente nas referências do discurso (*ele*) e do sistema cultural (*ELE*).

Aprofundar a cultura no ato de instauração da criança em sua língua materna me encaminhou a pensar como uma experiência na linguagem é produzida. Tal reflexo conduziu-me a um diálogo com o filósofo Giorgio Agamben (2005), o qual argumenta, a partir de Benveniste (1995, 1989), haver uma cisão entre sistema (domínio semiótico) e discurso (domínio semântico) como elemento que possibilita uma descontinuidade produtora de uma história na linguagem:

[...] para um ser um ser cuja experiência da linguagem não se apresentasse desde sempre cindida em língua e discurso, um ser que já fosse, portanto, sempre falante e estivesse sempre em uma língua indivisa, não existiriam conhecimento, nem infância, nem história: ele estaria sempre unido à sua natureza linguística e não encontraria em nenhuma parte uma descontinuidade e uma diferença nas quais algo como um saber e uma história poderiam produzir-se. (AGAMBEN, 2005, p. 14).

Com efeito, se pudéssemos encontrar um momento em que houvesse um humano sem linguagem, poderíamos dizer que ali estaria a experiência pura. Agamben (2005), assim como Benveniste (1989, 1995), defende essa impossibilidade. Mesmo que fosse possível voltarmos no tempo, sempre encontraríamos, conforme Benveniste (1995), um homem falando com outro homem, uma vez que a condição de existência do humano é a linguagem em seu simbolismo e a condição de existência da linguagem é o seu exercício pelo humano.

Por meio da língua em emprego, o homem manifesta o simbolismo cultural em que se encontra imerso, o que faz Benveniste (1989, p. 24) conceber a língua (sistema e discurso) como “um mecanismo de significação”, ao qual se integra o sistema cultural. Isso porque “tudo que é do domínio da cultura deriva no fundo de valores, de sistema de valores. Da articulação entre valores. Esses valores são os que se imprimem na língua” (BENVENISTE, 1989, p. 22).

Tal reflexão me permitiu, neste momento, redimensionar a tão difundida definição de enunciação como “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1989, p. 82), para argumentar que a conversão da língua em discurso (aspecto da semantização da língua na enunciação) por um locutor se relaciona ao modo como o ato individual de enunciação singulariza um sistema e uma cultura que são de ordem social na produção de uma semântica própria na língua-discurso.

Logo, a condição humana de enunciar para produzir sentidos possibilita à criança fazer renascer, a cada ato de enunciação falada, a sua presença na língua, que se reatualiza pela articulação, mesmo que embrionária, do semiótico (domínio do signo) e do semântico (domínio do discurso). Tal reatualização torna possíveis as mudanças na relação da criança com o outro e com a língua (em seus dois domínios), mudanças que caracterizam a sua história na linguagem. Para Agamben (2005), a enunciação, como domínio semântico, é o tempo e o espaço em que a linguagem humana “*põe a cabeça para fora do mar semiótico da natureza*” (AGAMBEN, 2005, p. 68). O instante em que ocorre a inserção do discurso no mundo abre a possibilidade para a criança se instaurar na língua (com a cultura da sociedade dessa língua) e se historicizar na linguagem.

Neste segundo momento, minhas reflexões entrelaçaram infância e história (AGAMBEN, 2006) e dialogaram com uma antropologia histórica da linguagem (DESSONS, 2006). Nessa direção, a voz passou a ser concebida como potência para a instauração da criança em sua língua materna, visto assinalar para um outro a sua (da criança) presença na linguagem. Por isso, em Silva e Milano (2013), pontuamos que, antes mesmo da adequação da forma, a voz da criança, ao evocar sentido para o outro, assegura a presença da criança no mundo humano.

Também em Silva e Diedrich (2013), argumentamos, a partir de Agamben (2005), que não se pode buscar uma *in-fância* humana antes e independente da linguagem, pois jamais encontramos um humano fora da linguagem. Essa reflexão nos levou a argumentar que a criança está enredada pela linguagem em um universo de significação, o que possibilita a sua entrada na língua materna³.

A reflexão sobre uma antropologia histórica da linguagem (DESSONS, 2006), em diálogo com as obras de Benveniste (1989, 1995), conduziram-me, juntamente com Flores, a defender que “refletir sobre o processo de aquisição nessa perspectiva é situar-se nessa dimensão da infância do homem e de historicidade da linguagem para tratar cada experiência de enunciação como instauradora de uma história na linguagem” (SILVA, FLORES, 2015, p. 143). Tal história somente é possível via faculdade de simbolizar, pois “não basta ter visão, olfato, paladar, tato e audição para construir sentidos. Aliás, esses sentidos estão presentes, também, em outros animais e, nem por isso, atribuímo-los capacidade de construir sentidos, em uma palavra, de ter linguagem” (SILVA; FLORES, 2015, p. 147). Logo, devido ao fato de a criança estar no simbólico da linguagem, a atribuição de sentidos às formas presentes em suas relações enunciativas com o outro torna-se possível e, conseqüentemente, a sua instauração na língua materna.

Neste segundo momento, os exteriores teóricos levaram-me a reler Benveniste e a ressaltar aspectos de suas obras sobre o simbólico da linguagem, a significação da língua, a relação língua-cultura e o aspecto vocal da enunciação, com vistas ao deslocamento desses aspectos para teorizar acerca do ato de instauração da criança em sua língua materna. Não houve, neste momento da pesquisa, a produção de uma nova perspectiva de aquisição a partir de Benveniste ou a alteração do dispositivo inicial proposto em Silva (2007, 2009), mas ocorreu uma incorporação de novas reflexões.

Na seção seguinte, abordo a “escuta” na instauração da criança na língua materna.

3. O lugar da escuta na instauração da criança na língua materna

Neste terceiro momento, inseri, em meus estudos, um novo exterior teórico. Essa inserção está relacionada à leitura de Roland Barthes (1976), mais precisamente do verbete “Da escuta”, publicado

³ Em sua tese, intitulada *Aquisição da linguagem: o aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem*, Diedrich (2015) estuda profundamente elementos do aspecto vocal no ato de aquisição de língua materna.

pelo autor na “Enciclopédia Einaudi”. Tal leitura inspiradora instigou-me a pensar o tema “escuta” à luz do viés enunciativo benvenistiano.

Barthes (1976) aborda três tipos de escuta. O primeiro tipo está relacionado ao tato, ao paladar, ao olfato, à visão e à audição. Produzida a partir da audição, tal escuta está ligada ao reconhecimento de ruídos do espaço familiar. Essa primeira escuta é responsável pela seleção de elementos na multiplicidade de contatos do indivíduo com o mundo, processo que a faz constituir-se como a própria operação de passagem do múltiplo da natureza à triagem pertinente ao indivíduo em dado espaço social. Já o segundo tipo de escuta corresponde à interpelação de um sujeito por um outro, pois coloca, em relação, quase física, esses sujeitos (pela voz e pela orelha). Por fim, o terceiro tipo está relacionado ao desejo de “agarrar” significantes em uma operação de seleção do que escutar. Em cada tipo de escuta, verifiquei as seguintes marcas: no primeiro tipo de escuta, a função de seleção; no segundo tipo, a relação de interlocução; e, no terceiro tipo, a noção de “desejo”.

Ao relacionar a primeira e a segunda escutas, Barthes (1976) produz a seguinte síntese:

Tal como o primeiro tipo de escuta transforma o ruído em índice, este segundo tipo metamorfoseia o homem em sujeito dual: **a interpelação leva a uma interlocução**, na qual o silêncio do ouvinte será tão activo como a palavra do locutor: poder-se-ia dizer que **a escuta fala**; é neste estádio (histórico ou estrutural) que intervém a escuta psicanalítica. (BARTHES, 1976, p. 140-141, grifos meus).

Ao teorizar acerca da escuta em uma relação de interlocução e ao argumentar que a escuta fala, Barthes (1976) possibilitou-me deslocar a sua reflexão, principalmente sobre a segunda escuta, para pensar esse fenômeno no âmbito da instauração da criança em sua língua materna. A inversibilidade enunciativa *eu-tu*, tão enfatizada sob o ponto de vista da realização vocal, ocorre também sob o viés da “escuta”. Há, desse modo, nas relações enunciativas, inversibilidade e, portanto, intersubjetividade de escutas. Nessa perspectiva, a partir da afirmação de Barthes de que “a escuta fala”, tenho defendido que “a escuta é uma enunciação”.

Em sua reflexão enunciativa, Benveniste (1989) relaciona o locutor à necessidade de referir e o outro à possibilidade de correferir, fato que faz cada locutor se constituir em colocutor. O locutor, assim, ao implantar um alocutário para correferir, concede-lhe um lugar de ouvinte e, conseqüentemente, de escuta. A esse respeito, Silva e Oliveira (2021) sustentam que tal lugar de escuta é condição para duas novas enunciações, uma durante e outra a partir da escuta. Essa reflexão é respaldada pelos autores na seguinte formulação de Benveniste: “Toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocução, ela postula um alocutário” (BENVENISTE, 1989, p. 84). A partir dessa citação, Silva e Oliveira (2021) consideram a escuta como uma enunciação implícita, a qual, ainda que não se explicita em palavras para o outro, marca a alternância enunciativa e insere, na “estrutura do diálogo”, “duas figuras na posição de parceiros [que] são alternativamente protagonistas da enunciação” (BENVENISTE, 1989, p. 87).

Assim, concebo a escuta como uma enunciação implícita que se instancia entre uma enunciação explícita e outra, pois, no âmbito da enunciação falada, na instância de discurso, a língua converte-se em “forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno” (BENVENISTE, 1989, p. 84, grifos nossos).

A escuta funciona, dessa maneira, como um elo intermediário entre uma enunciação explícita anterior e uma enunciação explícita de retorno. Retomando Silva e Oliveira (2021), reitero que, “vinculada ao aspecto vocal da enunciação, a escuta parece estar no meio do caminho das emissões vocais e ser o que possibilita a inversibilidade das pessoas no ato enunciativo falado” (SILVA; OLIVEIRA, 2021, p. 171).

A pesquisa sobre a escuta no ato de instauração da criança em sua língua materna, no seu primeiro ano de vida, em relações enunciativas com outros, atesta a importância dessa instância mediadora para tal instauração. Três configurações de escuta foram tratadas: 1) a escuta do outro às realizações fônicas da criança; 2) a escuta da criança às realizações fônicas do outro e 3) a autoescuta da criança.

Com relação à escuta do outro às realizações fônicas da criança, há, conforme indicaram as análises realizadas na pesquisa, uma apreensão pelo outro dos sons da criança para atribuir possíveis sentidos à situação de discurso (referência) e para conferir contornos às formas enunciativas da criança na constituição de sentido sistêmico (distintividade).

Com relação à escuta da criança às realizações fônicas do outro, os estudos analíticos apontaram haver indícios importantes: a busca da criança pela escuta de sons humanos (a voz humana); a implantação de um parceiro enunciativo que se inverte de *eu* que emite sons para *eu* que escuta; a ocupação de um lugar de escuta (via pausas e silêncios) e a manifestação de sua atitude como *eu-ouvinte* (desejo de escuta de sons que evocam a poeticidade da linguagem via escuta de canção). Devido ao fato de a criança observada, nesses estudos, mostrar, nas análises, esses indícios, considero que, em sua escuta, há pistas de apreensão do sentido no discurso e do sentido sistêmico, sentidos evocados também por suas realizações vocais. Nesses movimentos de escuta e realização fônica, a criança, imersa desde sempre nos sons da linguagem, passa a ser, nos termos de Barthes (1976) e de De Lemos (2002), “capturada”⁴ pelos contrastes fônicos de sua língua materna, ao mesmo tempo que os apreende.

Com relação à autoescuta da criança, há inversibilidade entre o lugar de escuta e o lugar de realização vocal, com indícios de contrastes fônicos importantes, como volume, abertura e fechamento de sons, além da importante alternância entre a produção do som e o silêncio (momentos de pausa que delimitam as estruturas fônicas que emergem em suas enunciações). Assim, nessa autoescuta, as pausas cumprem as funções biológica (respiração) e linguística (contraste de unidades sonoras). O aspecto enunciativo relevante envolve o fato de a criança estar experienciando uma espécie de enunciação em “monólogo”, o qual, conforme Benveniste (1989), funciona como uma relação entre um “eu locutor”, que emite, e um “eu ouvinte”, que escuta o que emite. Esses lugares ocupados pela criança (de realização vocal e de escuta) dão a ver indícios de contrastes que potencializam sentidos sistêmicos, condição para ela se instaurar nas formas fônicas de sua língua materna.

⁴ A ideia de “captura”, presente em Barthes (1976), é explorada por De Lemos (2002) no campo da Aquisição da Linguagem. Considerando a língua em seu funcionamento simbólico e em sua anterioridade lógica em relação ao sujeito, a autora sustenta que a criança “é capturada por um funcionamento linguístico-discursivo que não só a significa como lhe permite significar outra coisa, para além do que a significou” (DE LEMOS, 2002, p. 55).

Dessa maneira, neste terceiro momento, a pesquisa apontou o movimento que a criança realiza da linguagem (contrastes gerais) para a língua (distintividade particular de formas fônicas), visto já haver, nesse movimento de autoescuta, rudimentos fônicos do sistema de sua língua materna em suas realizações vocais embrionárias (balbucios).

A esse propósito, Silva e Chacon (2023) refletem acerca do lugar da escuta na primeira macro-operação do ato de instauração da criança na língua materna: a *operação de preenchimento de lugar enunciativo*. Os aspectos de escuta envolvidos nesse preenchimento de lugar enunciativo são apresentados na seguinte passagem:

O preenchimento de lugar enunciativo de escuta com indícios de estabelecimento de relação entre formas fônicas e o sentido envolveu dois aspectos: (i) quanto aos sentidos discursivos, há vestígios importantes de que a relação da criança com seu pai estende-se para a relação entre língua e sociedade, visto a criança manifestar uma posição de escuta ao evocar a escolha por uma canção presente em seu universo familiar também presente no universo social brasileiro [...] (ii) quanto aos sentidos sistêmicos (oposições linguísticas), as emissões da criança indiciam dois tipos de contrastes fônicos passíveis de serem significativos na organização de uma língua: volume + qualidade vocálica. (SILVA; CHACON, 2023, p. 20).

Mais recentemente, em Silva (2023), retomo as três macro-operações do ato de instauração da criança na língua materna, verificando em cada uma o papel da escuta, considerada enunciação implícita, nas realizações vocais (enunciações explícitas) da criança e do outro. Nesse artigo, observo diferentes aspectos.

Na primeira macro-operação, a escuta, como instância mediadora de enunciações explicitadas pela criança e pelo outro, é condição para a criança preencher seu lugar enunciativo, espaço no qual pode encontrar sua língua materna para nela ir se instaurando.

Na segunda macro-operação, há indícios da importância da escuta para a atribuição de referência no fio do discurso e para a realização dos procedimentos tanto de constituição quanto de integração das unidades linguísticas pela criança. A escuta, assim, dá mostras da presença da criança na interdependência entre os domínios discursivo e sistêmico da língua, tornando-se fundamental para ela fazer a passagem de uma referência ancorada na situação a uma referência ancorada no discurso. Nessa interdependência de domínios, ocorre o estabelecimento, nas relações criança-outro, do vínculo referência-correferência, com destaque para a sintagmatização de formas fônicas, para a compreensão do sentido no discurso (semantização operada pela escuta) e para a identificação de unidades do sistema (reconhecimento operado pela escuta).

Na terceira macro-operação, a escuta tem papel fundamental para a marcação das coordenadas de pessoa, tempo e espaço como condição de movimentos complexos da criança nos eixos da pessoalidade, da temporalidade e da espacialidade e, por conseguinte, na instanciação de dupla enunciação (discursos relatados, projetados e simulados).

Assim, a inscrição da “escuta” como instância necessária à explicação da instauração da criança em sua língua materna, a partir de um ponto de vista benvenistiano – com inspiração em Barthes (1976) –, redimensionou tal explicação em termos teóricos, metodológicos e analíticos.

Teoricamente, passei a conceber a “escuta” como enunciação implícita e instância mediadora entre duas enunciações explicitadas nas inversibilidades enunciativas *eu-tu*. Nesse sentido, argumento haver inversibilidades não só de realizações vocais, mas também de escutas no ato de instauração da criança em sua língua materna.

Metodologicamente, passei a conceber a escuta como instância de observação dos fatos enunciativos criança-outro, pois, se há uma enunciação de retorno após uma realização vocal atingir um ouvinte, conforme Benveniste (1989), então a “escuta” do ouvinte precisa ser tratada na inversibilidade enunciativa de realizações vocais. Nessa direção, o papel da “escuta”, na relação entre a enunciação anterior e a enunciação atual dos protagonistas da enunciação (criança e outro), tem sido um procedimento metodológico fundamental à explicação da instauração da criança em sua língua materna.

Analiticamente, tornou-se imprescindível a verificação do papel da escuta em cada uma das grandes mudanças que caracterizam as três macro-operações apresentadas em Silva (2007, 2009). Essa verificação focalizou os efeitos de uma realização vocal (enunciação explícita) em outra realização vocal (enunciação explícita) e as relações entre formas e sentidos estabelecidas entre essas enunciações vocais explícitas. Tais efeitos e relações são observados via consideração da escuta (enunciação implícita) e de seu papel como instância mediadora na comunicação intersubjetiva criança-outro.

Neste momento, as pesquisas que desenvolvo apontam para a importância da interdependência de realizações vocais e de escutas na história de enunciações da criança e, conseqüentemente, em sua instauração na língua materna.

Finalizada esta seção, passo a apresentar a conclusão dessa história de enunciações sobre a instauração da criança na língua materna.

Conclusão

A história de enunciações sobre a instauração da criança em sua língua materna aqui contada foi produzida a partir de leituras e de releituras das obras de Émile Benveniste. Tais leituras e releituras foram afetadas por exteriores teóricos. Procurei, neste trabalho, conforme palavras de Benveniste, um “laço vivo entre [acontecimentos passados] e o presente no qual a sua evocação se dá” (BENVENISTE, 1995, p.270). Foi nesse tempo passado (pretérito perfeito) de realização de pesquisas sobre a instauração da criança em sua língua materna que pude me situar como quem “relata os fatos como testemunha, como participante; (...) para fazer “repercutir até nós o acontecimento referido e ligá-lo ao nosso presente” (BENVENISTE, 1995, p. 270).

Fazer repercutir os estudos de aquisição realizados em nosso presente permite a inscrição de novas histórias na linguagem. Por isso, é importante este espaço criado pela Revista da ABRALIN para a publicação e o testemunho das pesquisas em aquisição da linguagem realizadas no Sul Global. Os registros dessas pesquisas dão mostra de que “não é a história que dá vida à linguagem, mas sobretudo o inverso. É a linguagem que, por sua necessidade, sua permanência, constitui a história” (BENVENISTE, 1989, p. 32).

Ao registrarmos nossos estudos neste dossiê da Revista da ABRALIN, nós, pesquisadores e pesquisadoras de aquisição da linguagem da Linguística brasileira, pela linguagem, daremos continuidade a essa importante história produzida por muitas vozes, sinais e letras em nosso país.

Neste artigo, tive como objetivo apresentar a história de enunciações que, nos estudos aquisicionais brasileiros, venho produzindo sobre a instauração da criança em sua língua materna. Com início em minha tese, defendida em 2007 e publicada como livro em 2009, tal história prosseguiu em estudos posteriores sobre a referida instauração, todos sempre ancorados na Teoria da Linguagem de Émile Benveniste, em diálogo com exteriores teóricos. Essa história foi sintetizada em três momentos.

O primeiro momento foi relatado na seção 1, na qual expus a reflexão fundadora de uma discussão sobre aquisição como instauração da criança em sua língua materna, a partir da teorização linguística de Émile Benveniste afetada por um exterior teórico (DUFOUR, 2000). Essa reflexão resultou na formulação do dispositivo enunciativo (*eu-tu/ele*)-ELE como explicativo da constituição da criança enquanto falante.

Já o segundo momento foi relatado na seção 2, na qual apresentei a discussão sobre o papel da “voz” na instauração da criança em sua língua materna, discussão influenciada pelas reflexões acerca da infância humana (AGAMBEN, 2005) e da antropologia histórica da linguagem (DESSONS, 2006).

Por fim, o terceiro momento foi relatado na seção 3, na qual reporte a discussão sobre o papel da “escuta” na instauração da criança em sua língua materna, com uma revisita às três macro-operações que, a partir de Benveniste (1995, 1989), foram por mim caracterizadas em Silva (2007, 2009). Nesse momento, ainda em curso, o exterior teórico que tem tido efeitos na leitura da reflexão enunciativa benvenistiana é Barthes (1976). Ao operar deslocamentos acerca da reflexão enunciativa de Émile Benveniste, passei a incluir teórica, metodológica e analiticamente a “escuta” na explicação sobre a instauração da criança em sua língua materna.

Faz-se importante enfatizar que, nas enunciações faladas, o aspecto vocal da enunciação (voz) e sua escuta foram considerados desde o primeiro momento, quando da formulação do dispositivo enunciativo (*eu-tu/ele*)-ELE. No entanto, nos momentos subsequentes, procurei dar relevo a cada um desses diferentes fenômenos (voz e escuta) para tratar das importantes implicações de cada uma dessas instâncias na explicação sobre a instauração da criança na língua materna. Retomando às questões apresentadas na primeira seção deste artigo sobre as tarefas do pesquisador de aquisição da linguagem vinculado às concepções benvenistianas de linguagem, língua e enunciação, tenho procurado, em minhas pesquisas, realizar as seguintes tarefas: 1) descrever e explicar como, por meio dos funcionamentos intersubjetivo e referencial do discurso falado, a criança se instaura na língua – sistema e discurso –, via mudanças na sua relação com a língua, com o outro e com o mundo (primeira questão); 2) apresentar os movimentos da criança nas enunciações faladas sem enfatizar apenas um dos níveis linguísticos (fonológico, morfológico, sintático etc.), mas considerar a língua (sistema e discurso), com suas formas e sentidos, sendo afetada pelo mecanismo da enunciação, mecanismo que afeta a língua inteira, em seus níveis e unidades em integração (segunda questão); 3) colocar em foco a significação, pois, em todos os momentos da pesquisa, foram consideradas as

relações entre formas e sentidos no sistema e no discurso em jogo nas enunciações faladas – lugar de encontro das instâncias da voz e da escuta (terceira questão).

Com a trajetória aqui relatada acerca de pesquisas sobre a instauração da criança em sua língua materna, espero, juntamente com outros pesquisadores e pesquisadoras do campo da Aquisição da Linguagem, dar continuidade a essa história sobre a aquisição constituída por meio da linguagem.

Informações complementares

Avaliação e resposta dos autores

Avaliação: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v23i2.2235.R>

Editoras

Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante

Afiliação: Universidade Federal da Paraíba

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1409-7475>

Alessandra Del Ré

Afiliação: Universidade Estadual Paulista

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6740-9631>

Christelle Dodane

Afiliação: Universidade Sorbonne Nouvelle - Paris III

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3733-1263>

RODADAS DE AVALIAÇÃO

Avaliador 1: Marilene Gomes de Sousa Lima

Afiliação: Universidade Federal da Paraíba

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4706-4525>

Avaliador 2: José Temístocles Ferreira Júnior

Afiliação: Universidade Federal Rural de Pernambuco

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8679-5726>

Avaliador 3: Evangelina Maria Brito de Faria
Afiliação: Universidade Federal da Paraíba
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2114-1913>

AVALIADOR 1

O título se relaciona precisamente com o assunto do trabalho avaliado. Ele reflete adequadamente a proposta “relato de pesquisa”.

O resumo está bem estruturado (é sucinto, claro e compreensível). Apresenta objetivo bem delimitado e conectado ao propósito enunciativo de cada uma das seções do artigo. Ainda destaco que o resumo para não-especialistas segue o mesmo cuidado do resumo principal do manuscrito.

Todas as seções do artigo estão bem redigidas, expondo evidentemente o percurso de pesquisa da autora, permitindo ao leitor especializado uma compreensão dos diálogos estabelecidos entre as reflexões do linguista Émile Benveniste e exteriores teóricos para inaugurar uma perspectiva teórica que contribui para as pesquisas em aquisição da linguagem. Com relação aos aspectos formais, sugiro uma revisão textual para resolver questões de erros de digitação ao longo do escrito.

Todas as citações estão referenciadas conforme as regras da ABNT. Contudo, é importante que a autora faça conferência e ajustes de alguns elementos essenciais na lista de referências.

A critério da pesquisadora, seria interessante evidenciar (na introdução) que o relato de pesquisa que compõe esta história de enunciações (que parte da teoria de Benveniste em diálogo com exteriores teóricos) foi inaugurada a partir de estudos empíricos com crianças de desenvolvimento típico. Isso pode antecipar para o/a leitor/a a escolha dos termos ‘Voz e Escuta’ discutidos nas seções 2 e 3 do artigo.

Sugiro a publicação deste artigo.

AVALIADOR 2

O artigo desenvolve uma análise da perspectiva enunciativa nos estudos sobre a aquisição da linguagem para fazer uma discussão sobre a instauração da criança na língua materna. Nesse sentido, são identificados três momentos na construção dessa perspectiva: a discussão proposta por Silva (2007) a respeito da relação entre os estudos desenvolvidos por Benveniste sobre a linguagem e o campo da Aquisição da linguagem, as problematizações sobre o papel da “voz” para instauração da criança na língua materna e, finalmente, a reflexão sobre o papel da escuta nessa instauração. A análise desses diferentes momentos procura destacar o recurso a exteriores teóricos para proposição de releituras de teorizações benvenistianas, destacando desdobramentos para compreensão do processo da aquisição da linguagem. A análise da trajetória apresenta uma consistente e autoral reflexão e leva o leitor a compreender o papel da enunciação no fenômeno da aquisição da linguagem.

AVALIADOR 3

O Título reflete adequadamente a proposta desenvolvida no texto. O resumo apresenta objetivo, que é o de contar a história dessa pesquisa. A metodologia estrutura o artigo em três momentos, em torno de reflexões sobre a instauração da criança na língua, porém faltam os resultados dessas reflexões. O resumo é sucinto, sem os resultados esperados.

A introdução retoma o objetivo do resumo, que é o de apresentar uma história de enunciações sobre a instauração da criança na língua materna, a partir da teorização de Émile Benveniste sobre a linguagem.

Iniciando o primeiro momento do artigo “A instauração da criança na língua materna”, a autora desloca três questões para refletir sobre o fazer do pesquisador do campo da Aquisição da Linguagem que assume um ponto de vista enunciativo: 1ª) Qual é a tarefa do pesquisador de aquisição da linguagem que segue o ponto de vista benvenistiano e o que descreverá sob o nome “aquisição da linguagem”?; 2ª) Como descreverá o seu objeto de estudo, o processo de aquisição da linguagem?; 3ª) Tanto para a criança como para o pesquisador enunciativo de aquisição da linguagem, a linguagem tem como função “dizer alguma coisa”. O que é essa “coisa” em vista da qual a criança articula a língua e como é possível delimitá-la em relação à própria linguagem?

Acredito que essas questões recobrem todo o processo desenvolvido no artigo, porém não voltam mais à tona, nem no fechamento do primeiro momento, nem nos momentos subsequentes, nem na conclusão. Se elas não conduzem a lógica do artigo, melhor serem retirados do contexto. Se são importantes, é bom explicitá-las para conhecermos as respostas para as questões colocadas.

Os três momentos precisam de uma articulação maior entre eles. Como relacioná-los mostrando que fazem parte de um mesmo processo da enunciação e que concorrem para a instauração da criança na língua. E o que esses três momentos trazem de novidade para o campo da aquisição? Essa relação não ficou clara.

O artigo baseia-se nas contribuições de Émile Benveniste para a aquisição da Linguagem. Só essa perspectiva já mostra a importância do artigo para esse campo.

Somos de parecer favorável a que a autora articule melhor os três momentos do artigo, trazendo luz para a instauração da criança na língua materna à luz dos pressupostos de Benveniste.

Conflito de Interesse

A autora não tem conflitos de interesse a declarar.

Protocolo e Pré-Registro de Pesquisa

Avaliando os roteiros propostos pela Equator Network, considero que nenhum deles se mostra relevante para a pesquisa em tela. Também informamos que a pesquisa desenvolvida não foi pré-registrada em repositório institucional independente.

Declaração de Disponibilidade de Dados

Os dados que suportam os resultados deste estudo estão disponíveis apenas para consulta no LUME – Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, através do link <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/10407>. Também os resultados apresentados estão relacionados a dados de uma criança presente no Banco de Dados NALíngua (CNPq, dgp.cnpq.br/dgp/espelho-grupo/25793) foi instituído em 2008 e está dispensado de avaliação pelo Sistema CEP/CONEP, segundo Resolução nº 510 do Conselho Nacional de Saúde, de 07/04/2016 (parágrafo único, inciso V).

Fontes de financiamento

As pesquisas realizadas pela autora têm apoio do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

BARTHES, R. Escuta. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1976. p. 137-145.

BENVENISTE, Émile. (1966). *Problemas de Lingüística Geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri; revisão do prof. Isaac Nicolau Salum. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.

BENVENISTE, Émile. (1974). *Problemas de Lingüística Geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães et al.; revisão técnica da tradução: Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1989.

DE LEMOS, C. T. G. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 42, p. 41-69, jan./jun. 2002. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637140/4862>. Acesso em: 08 dez. 2021.

DESSONS, Gérard. *Émile Benveniste, l'invention du discours*. Paris: Éditions IN PRESS, 2006.

DIEDRICH, Marlete Sandra. *Aquisição da linguagem: o aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem*. 147f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras,

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/130026>. Acesso em: 30 de jul. 2023.

DUFOUR, Dany-Robert. *Mistérios da trindade*. Tradução de Dulce Duque Escada. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

FLORES, Valdir do Nascimento. A enunciação e os níveis de análise linguística em dados de distúrbios de linguagem. *Organon: Revista do Instituto de Letras*. Porto Alegre: UFRGS, nº 46, v. 23, p. 177-189, 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/39742>. Acesso em: 10 set. 2023.

SILVA, Carmem Luci da Costa. *A instauração da criança na linguagem*: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem. 2007. 293 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2007. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/10407>. Acesso em: 10 set. 2023.

SILVA, Carmem Luci da Costa. *A criança na linguagem*: enunciação e aquisição. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2009.

SILVA, Carmem Luci da Costa; MILANO, Luiza. O lugar da voz na aquisição da linguagem. *Nonada: Letras em Revista*, vol. 2, núm. 21, outubro, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5124/512451671012.pdf>. Acesso em: 10 set. 2023

SILVA, Carmem Luci da Costa; DIEDRICH, Marlete. A experiência da criança na linguagem. *Prolíngua*. v. 8, n.º 2, jul/dez de 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/prolingua/article/view/19328>. Acesso em: 10 set. 2023.

SILVA, Carmem Luci da Costa; FLORES, Valdir do Nascimento. A significação e a presença da criança na linguagem. *Estudos da língua(gem)*. v. 13, nº 1, p. 133-149, junho de 2015. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/1284>. Acesso em: 10 set. 2023

SILVA, Carmem Luci da Costa; OLIVEIRA, Giovane Fernandes. Nos rumores da língua: a escuta entre as enunciações falada e escrita da criança. *Conexão Letras*, v. 26, p. 165-190, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/116837>. Acesso em: 22 de ago. 2023.

SILVA, Carmem Luci da Costa. A escuta em uma abordagem enunciativa da aquisição de língua materna. In: He-loisa Monteiro Rosário; Sara Luiza Hoff; Valdir do Nascimento Flores. (Org.). *Leituras de Émile Benveniste*. 1ed. Porto Alegre: Editora Zouk, 2022, p. 39-48. Disponível em: <https://www.editorazouk.com.br/pd-93a79f-leituras-de-emile-benveniste.html?ct=308e81&p=1&s=1> Acesso em: 22 de ago. 2023.

SILVA, Carmem Luci da Costa; CHACON, Lourenço Chacon. Formas sonoras e sentidos na aquisição da linguagem: a escuta como ocupação de lugar enunciativo. *ALFA: Revista de linguística*. São Paulo: UNESP, online, v. 67, p. 1-22, e13686, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/qPNYcwk5JpsqNp5RMKS55kx/> Acesso em: 22 de ago. 2023.

SILVA, Carmem Luci da Costa. A escuta nas três operações enunciativas do ato de instauração da criança na língua materna. *Organon*, Porto Alegre, v. 38, n. 76, jul/dez. 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/135046>. Acesso em 23 de jan. 2024.